

Amigo Dirigente,



Há algum tempo atrás, sentado no topo de uma duna de uma praia distante, observava o vaivém constantes da ondulação que se deitava com suavidade no colo de areia fina, que a recebia com generosidade, enquanto um bando de gaivotas aguardava por um qualquer resto de peixe que as noites de faina aqui e ali iam deixando. Ao lado, alguns barcos repousavam depois de terem desbravado com intensidades as águas revoltas do mar, recolhendo no seu trajeto as redes e o sustento de gentes de rosto tisonado pelo sol que, tal como os barcos, descansavam sentadas nos bordos das embarcações remendando as redes que o vigor da maré e fartura de peixe tinham rompido.

A brisa trouxe até mim o aroma a maresia, mas também o rosto sereno de um desses pescadores, que com a calma de quem saboreia cada sopro de vida, limpava das redes limos e algas, preparando-as para cumprirem a sua missão. Mas o breve vislumbre daquele rosto, despertou em mim recordações de tempos que tinha passado em Nyeri, uma pequena aldeia em África, ali bem juntinho ao sopé do monte Kénia. Estávamos no ano de 1940 e eu tinha chegado ali em busca de uma nova aventura, conhecimentos e, quem sabe, de uma história para a vida.

Quando ali cheguei, deparei com uma casa de madeira, bem diferente das habitações onde vivia o povo da aldeia. Pertencia a um casal de ingleses que ali tinham encontrado as condições ideais para passarem o inverno da vida. Chamavam à casa Paxtu que, no dialecto swahili, significa completo e foi ali que passei os dias seguintes, como hóspede daquele casal.

Os dias ali eram intensos, bem vividos. A comunidade era muito unida, alegre e para isso muito contribuía o espírito daquele velho lorde inglês a quem os locais chamavam Impisa, como recordação e também em sinal de admiração, pelos tempos em que ele liderara tropas inglesas contra outras tribos africanas. As crianças e jovens da aldeia ocorriam mal o viam e deliciavam-se com os jogos que ele inventava e que os ajudavam a desenvolver as suas capacidades, a apurarem os seus sentidos, a trabalhar o espírito de equipa, a respeitarem a palavra e o compromisso assumido. Criava espaços onde todos eles podiam errar e também assim aprender, onde lhes transmitia os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos, mas também onde ele próprio aprendia a distinguir o rugido do leopardo entre todos os sons que a savana trazia, ou ainda a conhecer a flor que servia para cicatrizar as feridas.



Quando a noite chegava, sentavam-se em redor de uma fogueira e partilhavam memórias. A plateia, ávida de conhecer as aventuras que ele tinha vivido, deliciava-se com a história do cerco de Mafeking e de como tinha ludibriado os colonos boers, de como ele se aproximava sorrateiramente dos Zulus, vigiando os seus passos, escutando a imponência do ingonyama.

Uma noite, quando o vento quente de leste soprou, contou-me como tinha tido uma vida feliz, como tinha apreciado intensamente a vida, vendo sempre o lado melhor das coisas e não o pior, sendo feliz contribuindo para a felicidade dos outros, procurando praticar o bem, tudo fazendo para deixar o mundo um pouco melhor do que encontrou. No dia seguinte parti, rumo a outras paragens e, tal como Paxtu, aquela casa, parti completo.

Amigo Dirigente, nesta viagem que agora vais empreender, também tu tens uma missão a desempenhar: fazer como B.P.

Deixa que cada uma das crianças e jovens que vais encontrar ao longo desta viagem encontre o seu lugar, aprendendo com os erros que inevitavelmente irão cometer, demorando o tempo necessário, o seu tempo, na concretização das tarefas de cada dia. O **COMPROMISSO** que assumes é estar lá, colocando-os no caminho certo quando dele se desviarem, sendo a mão que apoia, o ouvido que escuta, a voz que aconselha, sendo feliz contribuindo para a felicidade dos outros, procurando deixar este mundo um pouco melhor do que o encontraste. Se assim procederes, quando chegar a tua hora de partir, sentirás que não desperdiçaste o tempo e fizeste todo o possível por praticar o bem.

O grasnar de uma gaivota trouxe-me de volta, deixando de lado as recordações. Os barcos continuavam debruçados na areia, e os pescadores continuam a sua tarefa, mas o rosto que tinha despertado em mim todas aquelas recordações olhava-me agora, sorrindo, deliciado, como se também eu tivesse despertado nele recordações de um passado longínquo. Levantou a mão direita e saudou-me como só um escuteiro sabe saudar. Depois desapareceu.

Por breves instantes pensei que afinal, havia mais viajantes no tempo.



O vosso amigo,

Vicente